

# **O lugar da espiritualidade no cuidado da adicção química a partir da trajetória de padre Haroldo J. Rahm**

## **The place of spirituality in the care of chemical addiction from the trajectory of Father Haroldo J. Rahm**

*Renan B. Dantas<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

O legado de cuidado da dependência química, trata-se de uma linha marcante na trajetória de vida do padre jesuíta Haroldo J. Rahm. Informados pela perspectiva que segue trajetórias individuais com a intenção de reconstruir percursos e processos socioculturais, privilegiamos sua trajetória em particular como um fio condutor para melhor compreendermos o lugar da espiritualidade, como ela se constrói e é gerida no processo de tratamento e prevenção da dependência química. Segundo a linha teórica psicológica e terapêutica costurada por padre Haroldo, aplicada em sua obra institucional e paradigmática dentro do movimento das Comunidades Terapêuticas (CTs), a espiritualidade é um tipo de tratamento eficaz à dependência química, que produz cura da drogadicção e a manutenção da sobriedade. Portanto, reconstituímos um percurso de experiência e produção de ações ligadas ao cuidado da dependência química através da biografia de padre Haroldo, assim como pontuamos o lugar da espiritualidade neste processo.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrando em Antropologia Social (UNICAMP). Pesquisador do Laboratório de Antropologia da Religião – LAR/UNICAMP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9347644533498227>.

**PALAVRAS-CHAVE**

Espiritualidade. Adicção. Padre Haroldo J. Rahm

**ABSTRACT**

The legacy of care of the chemical addiction, It is a striking line in the trajectory of Jesuit priest Haroldo J. Rahm's life. Informed by the perspective that follows individual trajectories with an intention to reconstruct sociocultural processes and processes, we privilege their particular trajectory as a guiding thread to better understand the place of spirituality, how it builds up and is managed in the process of treating and preventing chemical addiction. According to the theoretical psychological and therapeutic line stitched by priest Haroldo, applied in his institutional and paradigmatic work within the movement of the Therapeutic Communities (TCs), the spirituality is a type of effective treatment for chemical addiction, which cures drug addiction and maintains sobriety. Therefore, we reconstituted a course of experience and production of actions related to the care of chemical addiction through the biography of priest Haroldo, as soon as we punctuate the place of spirituality in this process.

**KEYWORDS**

Spirituality. Addiction. Father Harold J. Rahm

**Introdução**

Tomarmos uma trajetória de vida enquanto fonte de informação<sup>2</sup> da trama social é uma oportunidade para lançarmos luz sobre o campo sociocultural a partir de um determinado “nó”. Este nó, pensado como um feixe de relações, nos conduz a uma “malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento”<sup>3</sup>. Neste sentido, podemos entender a trajetória do padre jesuíta Haroldo J. Rahm como um nó formado por múltiplas

---

<sup>2</sup> KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. *Cadernos Pagu*, 2007.

<sup>3</sup> INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes antropológicos*, v. 18, n. 37, 2012, p. 27.

linhas<sup>4</sup>. Nascido em 1919 na cidade de Tyler no Texas (EUA), Haroldo abandonou a carreira de militar paraquedista e se tornou padre jesuíta em 1950. Desde os tempos de seminário esteve envolvido com o apostolado social da Companhia, trabalhando em fronteiras étnicas, com delinquência juvenil, educação e esportes. Quando chegou ao Brasil em 1964, enviado pelo então papa João XXIII, para fazer um trabalho “sociológico”, se envolveu na promoção de experiências e movimentos de espiritualidade cristã e juventude (Movimento Cursilhos de Cristandade e Treinamento de Liderança Cristã), com a fundação da RCC brasileira, em cursos de Relaxamento Psicossomático e desde 2007 com a propagação de uma “Yoga Cristã”<sup>5</sup>.

Porém, dentre todas as linhas envolvidas na configuração de sua vida, podemos ressaltar que uma que predominantemente se destaca em sua biografia pessoal é a da atenção à problemática pública da dependência química, nas suas mais distintas dimensões (familiar, psicológica, social, espiritual, profissional, etc). Padre Haroldo é símbolo de pioneirismo e sistematização do cuidado a dependência química. São diferentes movimentos encabeçados por ele em prol dessa causa – movimentos das Comunidades Terapêuticas (CTs), Amor Exigente, Alcoólicos Anônimos (A.A), Narcóticos Anônimos (N.A), etc. Sua ação foi fundamental para construir – a partir de “bricolagem” – e institucionalizar padrões de tratamento da adicção química, e seus discursos, formados através de distintas referências (médicas, espirituais, religiosas, psicológicas, sociais) conformando um pensamento institucional influente no universo do cuidado a esta questão.

Na discussão posta abaixo, seguiremos sua trajetória de conhecimento, mediação e construção de políticas sociais voltadas ao cuidado

---

<sup>4</sup> As fontes utilizadas para o conhecimento de sua trajetória são compostas por: seus livros, sua autobiografia citada no decorrer do texto, entrevistas diretas e observações etnográficas realizadas no contexto da pesquisa de iniciação científica em Ciências Sociais (Unicamp), financiada pelo Cnpq “Asanas para Santo Inácio: Pe. Haroldo e sua yoga cristã”. Disponível em: <<https://proceedings.science/unicamp-pibic/pibic-2017/papers/asanas-para-santo-inacio%3A-pe.-haroldo-e-a-yoga-crista?lang=pt-br>>. Acesso em: 24 mai. 2019.

<sup>5</sup> RAHM, Haroldo J. Rahm. *Yoga Cristã e Espiritualidade de Santo Inácio de Loyola*. Edições Loyola, 2007.

da dependência química. Veremos como o padre uniu métodos e desbravou ações pioneiras de longo alcance social. Por fim, pretende-se aqui ressaltar as contribuições epistemológicas sobre a questão da espiritualidade, enquanto forma de cuidado da drogadição, um paradigma para o movimento das Comunidades Terapêuticas (CTs), teorizado por padre Haroldo e companheiros de trabalho. Do que se trata essa espiritualidade? Como se dá sua gestão e seus efeitos práticos?

### **Padre Haroldo e a questão da Dependência Química**

Chegando a um lugar chamado Gólgota, isto é, lugar chamado Caveira, deram-lhe a beber vinho misturado com fel. Ele provou, mas não quis beber (Mt 27, 33-34).

Fazendo referência a esta passagem do Novo Testamento, na qual Jesus após ser julgado perante Pôncios Pilatos e flagelado pelos soldados romanos, é conduzido ao monte Gólgota para ser crucificado, padre Haroldo é categórico em afirmar que “Cristo não aceitou tóxicos, isto é, o entorpecente que lhe foi oferecido”<sup>6</sup>. A oferta do vinho e fel oferecidos pelos soldados, representava um ato de misericórdia para com os condenados à cruz, para que tivessem diminuídas as dores da tortura recebida. Porém, Jesus negou que seu sofrimento fosse limitado pelo “entorpecente”, segundo o padre, para que “nós” não viéssemos a sofrer a sua própria condenação. Assim sendo, é o próprio indivíduo que se condena, quando procura um “prazer que o destrói”. A estas pessoas – que buscam prazer em entorpecentes – padre Haroldo dedicou (e ainda dedica) grande parte de seu tempo e apostolado.

Seu primeiro contato com a questão da dependência química se deu logo no ambiente doméstico, com seu pai que teve até o final de sua vida graves problemas com alcoolismo. Estes problemas teriam contribuído para que seus pais se divorciassem e para que após isso, Haroldo chegasse a ver seu pai apenas uma única vez em seu leito de morte. O padre conta que, a partir deste episódio dramático, no qual viu seu pai agonizar

<sup>6</sup> RAHM, Haroldo J. *Cristo não aceitou tóxicos*. São Paulo: Edições Loyola, 1984, p. 7.

em um quarto de hospital por causa da bebida – o que teria inclusive o levado a servir uísque ao mesmo, que prestes a falecer “necessitava de um gole de álcool” – ele se tornaria o “patrono alcoólatra” de seu apostolado.

Até o momento deste encontro com seu pai, enquanto ainda era seminarista e cursava o segundo ano dos estudos teológicos na Universidade de Saint Mary no Kansas, fazia cerca de poucos meses que o padre havia assistido uma palestra sobre “Os doze passos dos Alcoólatras Anônimos”, e notado que “algumas noções básicas dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, ali estavam contidas”<sup>7</sup>. O que se justificaria, segundo ele, pelo fato de que um jesuíta, Pe. Edward Dowling, teria sido orientador espiritual de Bill Wilson, um dos fundadores dos Alcoólicos Anônimos (AA).

Já no Brasil, padre Haroldo conta que, após terminar sua tarefa de conduzir os jesuítas americanos em seus compromissos apostólicos, e também ter encabeçado o desenvolvimento da RCC brasileira, ficou mais livre para se posicionar onde achava ser mais útil e eficiente. Foi aí que acabou optando pelo “submundo do álcool e das drogas”, entre as quais considera o álcool como a pior de todas elas.

Neste sentido, como sua primeira ação, o padre criaria na cidade de Campinas (SP) um grupo de Alcoólicos Anônimos (AA) na paróquia São Pedro Apóstolo, fundada por ele mesmo<sup>8</sup>, ao mesmo tempo em que outros grupos de AA paralelamente se formavam na cidade campineira – que hoje conta com doze grupos AA, boa parte deles ligado a igrejas católicas<sup>9</sup>. Pouco tempo depois o padre iniciaria um grupo de NA (Narcóticos Anônimos), e ressalta que ambos os grupos não queriam se misturar, argumentando uma diferença radical entre alcoólatras e dependentes químicos. Porém devido a “movimentação do Espírito”, o padre consegue junto de membros mais liberais de cada grupo, iniciar o NATA (Núcleo de Apoio para Toxicômanos e Alcoólatras), no ano de 1986,

<sup>7</sup> RAHM, Haroldo J. *Esse Terrível Jesuíta!*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 21.

<sup>8</sup> Padre Haroldo fundou cinco paróquias ao longo de sua vida, duas nos EUA, e três na cidade de Campinas (SP): São Pedro Apóstolo, Igreja Nossa Senhora de Pompéia e São José Operário.

<sup>9</sup> Aliás este é um ponto interessante para ser discutido, o da relação visível entre espaços católicos, paróquias, igrejas, que sedem espaço para as reuniões de AA e NA (Narcóticos Anônimos).

movimento que irá crescer nacionalmente sob a direção de Frei Bernardo, de São Paulo. Paralelamente é criado o NAFTA (Núcleo de Apoio aos Familiares do Toxicômano e Alcoolista)

Atualmente, ambos os grupos são dirigidos pela mantenedora SERVOS (Sociedade de Empenho Vida Oração e Serviço). A mantenedora se apresenta dizendo que desenvolve:

um programa de tratamento, com base em outros programas adotados em Comunidades Terapêuticas, de maneira especial na Fazenda do Senhor Jesus de Campinas – SP, fundada pelo Pe. Haroldo Rahm, hoje denominada Instituto Padre Haroldo<sup>10</sup>

Mas, seu trabalho específico com uma comunidade terapêutica, espécie de “instituição total”<sup>11</sup> surge com inspiração de uma família leiga, “os Barbosas”, que trabalhavam com os dependentes químicos, dando-lhes “como Bill Wilson” – fundador do AA – casa e comida a pobres adictos. Padre Haroldo resolveu ajuda-los levantando fundos. Um de seus amigos, dono de muitos imóveis comprou-lhe o terreno para que fosse fundada a “Fazenda do Senhor Jesus”. Logo a comunidade dos alcoólatras amparada pela família Barbosa foi transferida para fazenda, e ali o casal Barbosa passou a viver. No início os residentes durante o dia se empregavam na cidade, em certos afazeres como a limpeza de edifícios. Porém, padre Haroldo diz que quando o número de adictos residentes cresceu, este método de usar os alcoólatras e adictos para o trabalho deixou de funcionar.

Padre Haroldo conta que, certa manhã, enquanto se preparava para sair de casa, o telefone tocou. Ao atender ouviu uma voz que dizia: “Sou senhor O’Brien. Estou falando de Brasília e gostaria de ir visitar sua comunidade”<sup>12</sup>. Naquele momento, o padre não fazia ideia de que O’Brien,

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.fazendadosenhorjesus.org.br/quem-somos/o-que-fazemos/>> Acesso em 23 de maio de 2019.

<sup>11</sup> “O controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas \_ seja ou não uma necessidade ou meio eficiente de organização social nas circunstâncias - é o fato básico das instituições totais”. GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1979.

<sup>12</sup> RAHM, 2011, p. 130

também padre, era o fundador de Daytop – organização norte-americana referência no tratamento da dependência química – e da Federação Mundial de Comunidades Terapêuticas. Padre O'Brien, foi a Campinas (SP), examinou toda a fazenda, palestrou para os trabalhadores da comunidade, e por fim se ofereceu a pagar as despesas de alguns funcionários para visitassem sua “Daytop Community” nos Estados Unidos.

Segundo o padre, na época sua equipe de profissionais contava com uma terapeuta ocupacional, uma psicóloga e Dra. Núbia, socióloga. Juntos foram sob o patrocínio de monsenhor O'Brien para Nova York, onde primeiro aprenderam o termo “comunidade terapêutica”, não conhecido e utilizado até então, e observaram e aprenderam também como funcionava uma comunidade terapêutica de “primeira linha”.

Ao mesmo tempo que a comunidade se desenvolvia, o padre continuava seus afazeres sacerdotais, mas sempre dormia na fazenda. Era pároco da Igreja do Bom Pastor – igreja que mais tarde passaria para outro jesuíta brasileiro a assumir – e dava cursos aos finais de semana. O padre conta que foi durante este período que ao lado de Dra. Núbia Maciel França, socióloga, advogada e professora de *control mind*, começou a ministrar um novo curso chamado de “Relaxamento Psicossomático e Autoconhecimento”. Na prática, estes cursos geraram uma série de frutos, entre eles a publicação, em 1982, do livro “Relaxe e Viva Feliz” escrito pelo padre em parceria com Dra. Núbia – que anos mais tarde também seria o título de um programa de televisão apresentado por ambos na emissora católica Rede Vida.

Além disso, os cursos – e é importante ressaltar, não só estes de Relaxamento e Autoconhecimento, mas também os do TLC, as Experiências de Oração no Espírito Santo (primeiras experiências da RCC brasileira), o “Sadhana”, etc – serviam como propagadores da “causa” das comunidades terapêuticas, também como meio de recrutamento de trabalho voluntário e arrecadamento de recursos financeiros para custear os gastos com a administração da comunidade. Sobre o público dos cursos de relaxamento o padre diz:

Tínhamos um número muito grande de pessoas na plateia, e os cursos continuaram por uns vinte e cinco anos. O público era composto de cidadãos de classe média e alta. A taxa era de 100 dólares. Multiplicado

por duzentos, o número de participantes, a soma se tornava substancial. Depois de tirar todas as despesas, o restante, doado por Dra. Núbia, mantinha nossa fazenda e ainda nos garantia fundos para mais construções. Muitos participantes tinham alcoólatras e toxímanos entre seus amigos ou na família e queriam encontrar soluções para este terceiro maior problema social do Brasil: o vício do álcool e de outras drogas<sup>13</sup>

Padre Haroldo ressalta o auxílio de muitos amigos que voluntariamente ajudavam na gestão e desenvolvimento da comunidade, e são inúmeros depoimentos de pessoas que tiveram contato com seu trabalho e passaram a de alguma forma contribuir e propaga-lo. O próprio padre registra alguns destes depoimentos em sua autobiografia, e a jornalista Romina Miranda Cerchiaro apanhou vários outros em seu livro “Uma Só Palavra: O legado de Padre Haroldo Rahm para o tratamento da dependência química”. Abaixo reproduzimos um deles, da esposa do casal Vianna, diretores da comunidade terapêutica “Terra da Sobriedade”:

Conhecemos o padre Haroldo em seus cursos de Experiência de Oração no Espírito Santo”. Ronaldo, meu marido, começou a trabalhar na Fazenda ainda como universitário de Terapia Ocupacional. Comigo, houve uma profecia. A primeira vez que olhou para mim, disse: ‘Você vai trabalhar comigo’. Brinquei com ele, sorri, mas a esta altura, já estava apaixonada por ele. Juntos, resolvemos fundar uma unidade da Fazenda do Senhor Jesus em Belo Horizonte, onde moramos (...) Todas minhas orações, meus exercícios espirituais, os livros que leio e a obra que conduzo hoje tem influência do padre (...) Nós tentamos viver o que ele fala, rezando, fazendo yoga, participando de grupos de AE (Amor Exigente), vivendo os Doze Passos, ministrando palestras e fazendo o bem para os que precisam de nós<sup>14</sup>.

Assim, é notável a influência do trabalho encabeçado pelo padre, para o surgimento de muitas outras comunidades terapêuticas. Ao lado de Dra. Núbia, ele diretamente ajudou muitos grupos e pessoas a formarem suas comunidades. Ajudou inclusive o atual Papa Francisco, então

---

<sup>13</sup> RAHM, 2011, p. 133

<sup>14</sup> Ana Luiza Apud CERCHIARO, 2015, p. 92-3



cardeal Bergoglio, seu companheiro de ordem, a organizar a primeira comunidade terapêutica de Buenos Aires.

Em suas andanças, padre Haroldo passo-a-passo se especializou na questão da dependência química e no seu tratamento. Na cidade de Castelgandolfo, na Itália, ele conta ter tido o privilégio de tornar-se amigo de um psiquiatra chamado Maxwell Jones, um dos palestrantes do Simpósio Internacional sobre Álcool e outras Drogas. O psiquiatra teria lhe contado como, a partir de 1940, usando os princípios do que ele chamou de “poder dos internos”, construiu uma comunidade terapêutica no interior de seu hospital para doentes mentais na Inglaterra. Jones teria tido muitos soldados perturbados pelo serviço militar e por batalhas de guerra como pacientes. Seu método buscava fazer com que seus pacientes trabalhassem mutuamente para fortalecer suas habilidades e para serem úteis aos demais. Assim, ele teria se tornado conhecido por deixar que os próprios pacientes trabalhassem pela direção do hospital. Ele os ouvia e permitia que dessem sugestões e ajudassem na solução dos problemas enfrentados pela comunidade. Ele lhes dava “responsabilidades em vez de sedativos”.

Segundo o site oficial da FEBRACT (Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas), entidade também fundada e presidida por padre Haroldo, a proposta de Maxwell Jones, foi chamada de “3ª Revolução da Psiquiatria”. A comunidade terapêutica segundo seus moldes, diferia em tudo dos hospitais psiquiátricos que existiam até então. Enquanto eles apresentavam um modelo autocrático de estrutura hierárquica, com pouca comunicação sendo exercida entre as pessoas dos diferentes níveis e uma passividade muito grande dos internos, a comunidade pautava-se numa estrutura democrática que diminuía de maneira drástica a distância entre os diferentes níveis da comunidade e engajava os internos na condução diária da comunidade. Isso tudo, regulado a partir de assembleias gerais, na qual todos tinham o direito de perguntar e expor suas ideias, com o intuito de garantir a manutenção dos objetivos propostos.

O padre também aponta como referência “Synamon”, considerada a primeira Comunidade Terapêutica do mundo, criada por Charles E. Dederich, Ph.D em psicologia e conhecedor do programa Alcoólicos Anônimos (AA), que junto de alguns amigos a organizou. Padre Haroldo diz que a comunidade de Dederich teria ganhado este nome (Synamon)

pois seus residentes não conseguiam pronunciar a palavra “Anônimo”, confundindo-a com “simpósio” ou “seminário”, e que na prática “Synamon” não teria significado algum em si mesmo. Segundo Tinoco (2006), Synamon na verdade teria surgido a partir do nome “Sins Anonymous”, ou seja, “Pecados Anônimos”.

O padre caracteriza o método de Dederich no combate ao problema da adicção como algo que “abalou o mundo” e que influenciou diretamente o trabalho do monsenhor William O’Brien junto de alguns amigos, que viajaram até Ocean Park, estudaram tudo em Synamon e depois fundaram, primeiro, uma comunidade terapêutica na prisão onde monsenhor O’Brien era capelão; segundo, fora das prisões, fundaram a comunidade “Daytop” e por fim chegaram a constituir uma rede com mais de três mil comunidades terapêuticas sob o amparo da World Federation of Therapeutic Communities.

Historicamente, de fato, a história das comunidades terapêuticas, assim entendidas, está em primeiro lugar, diretamente ligada a experiência do AA e os Doze Passos. Synamon, considerada a primeira comunidade terapêutica do mundo, nos EUA, surgiu de uma dissidência do AA, quando por volta de 1958, Charles Dederich, um AA recuperado, construiu uma comunidade para adictos em heroína tratarem seu quadro de dependência.

Daytop por sua vez, organizada por padre O’Brien ao lado de Deitch, ex braço direito de Dederich, o “patriarca” de Synanon, está intimamente ligada a experiência desta última comunidade. Em 1964, O’Brien e Deitch rompem com esta comunidade, embasados por algumas críticas: de que as estadias na organização eram demasiado extensas temporalmente; observava-se uma falta de abertura ao exterior; registrava-se falta de ajuda profissional; as técnicas de disciplina e aprendizagem usadas eram ultrapassadas e havia uma liderança excessivamente carismática de Dederich, algo que culminava em um verdadeiro culto a sua personalidade<sup>15</sup>.

É, portanto, tomando caso destas experiências anteriores, e aceitando a tutela da World Federation of Therapeutic Communities encabeçada

---

<sup>15</sup> BOEAKAERT e VAN DER STRATEN Apud TINOCO, Rui. *Comunidades terapêuticas livres de drogas – da intervenção ideológica à intervenção psicoterapêutica*. Toxicodependências, v. 12, 2006, p. 24.

pelo também padre norte-americano William B. O'Brien, que aos poucos, padre Haroldo vai conformando a gestão de sua própria instituição, considerada então a primeira comunidade terapêutica do país. Segundo ele, para que o trabalho da comunidade obtenha bons resultados, é categórica a necessidade de o candidato ao tratamento realmente desejar estar livre do álcool e outras drogas. Sendo que neste quesito, uma comunidade terapêutica tende a se diferenciar de uma organização psiquiátrica não aceitando pacientes que se enquadram de maneira mais adequada em um hospital psiquiátrico. E segundo seu código de ética, o interno pode "deixar o programa a qualquer tempo, sem sofrer nenhum tipo de constrangimento" (Art. 5º, § III, Código de Ética das CTs, 1999).

O padre também revela como mantém financeiramente sua organização. E, o primeiro passo para tanto, é escrever e falar sobre seu programa em muitas fundações. Assim, são diversas as fontes que provem fundos a entidade. Entre elas, o Estado norte-americano por meio do Bureau of International Narcotics and Law Enforcement Affairs (INL), proveu fundos iniciais de 170 mil dólares a obra. Além de colaboradores individuais, executivos, bancários. Até as Nações Unidas chegaram a contribuir com 180 mil dólares anuais durante três anos.

Após dar uma palestra em San Francisco, durante a conferência da World Federation of Therapeutic Communities, monsenhor O'Brien lhe pediu que fundasse a Federação Latino-Americana de Comunidades Terapêuticas (FLACT), e também apoiasse e desse suporte a uma conferência a ser realizada em Campinas. O padre aceitou e pediu a Dr. Saulo Monte Serrat, então diretor dos estudos de Pós-Graduação na área de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Camp), que passou a contribuir com o trabalho do padre pelas CTs. A conferência teria sido um sucesso, e importante para que pudessem aprender mais sobre o nível de instrução necessário para liderança na área da dependência química.

Sobre padre Haroldo e os primórdios, das fundações das federações brasileiras e latino-americanas, Dr. Saulo Monte Serrat, comenta o seguinte:

Pe. Haroldo foi um dos pioneiros do movimento das Comunidades Terapêuticas no Brasil. Em relação a elas, fundou a APOT e a Fazenda do Senhor Jesus, fonte de inspiração para dezenas de comunidades

fundadas por muitos de seus egressos (...) Essa organização incipiente fez com que, em 1980, Campinas recebesse a incumbência de organizar a I Conferência Latino-Americana de Comunidades Terapêuticas, realizada com êxito invulgar e ponto de partida de todas as Conferências Latino-Americanas que lhe seguiram (...) A união começou a existir fez com que, em 1990, fosse criada a Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas (FEBRACT). Emblematicamente seu presidente era um Padre, um dos vice-presidentes, Pastor Evangélico e outro, Líder Espírita<sup>16</sup>.

Seu depoimento se inicia apontando o pioneirismo de padre Haroldo frente ao movimento das CTs no Brasil, transformando campinas em um centro de referência para o trabalho assistencial especialmente ligado a questão das drogas, e termina enfatizando um certo ecumenismo na direção da FEBRACT, abrangendo em seus cargos de liderança membros de diferentes grupos cristãos: católico, evangélico e espírita.

Sobre a gestão interna de uma comunidade terapêutica, padre Haroldo diz que ela deve se esforçar para simular “eticamente” o máximo possível o ambiente de uma casa de família. Sendo que, dentro dela três coisas, enfatizadas pelo código de ética das Comunidades Terapêuticas, são completamente proibidas: sexo, violência e drogas. Essas três coisas fazem parte das noções institucionais de comportamento inadequado

A disciplina dentro da comunidade é devidamente rígida e “desvios” inadequados são expostos publicamente, sendo reservado no cotidiano da comunidade terapêutica momentos exclusivos para tratarem da qualidade do comportamento tido pelos internos dia-a-dia, como descreve etnograficamente Taniele Rui (2010):

Depois da ‘leitura’ do jornal, há a indicação dos comportamentos adequados e dos inadequados do dia anterior, alguma leitura (principalmente bíblica), um pouco de intervenção lúdica e os avisos do dia. Nessa reunião matinal, a indicação dos comportamentos se passa da seguinte maneira: alguém do grupo se levanta e, como exemplo, diz: ‘aqueles que partilharam, que se levantem’. Os que o fizeram se levantam, há uma salva de palmas e dizem ‘que isso sempre se repita’.

<sup>16</sup> Paulo Monte Serrat; RAHM, 2011, p. 148

O mesmo acontece com o comportamento inadequado, mas não há salva de palmas e ao final dizem que isso não mais se repita<sup>17</sup>

Além das Comunidades Terapêuticas, os grupos de AA e NA, outro movimento que atende a questão da dependência química, mas a partir das famílias dos dependentes químicos, e que também foi fundado por padre Haroldo, é o Amor-Exigente. Na verdade, Amor-Exigente é uma ideia importada pelo padre em 1983 do movimento norte-americano Tough Love. O padre teria lido o livro base do movimento e impulsionado uma tradução e publicação pela Edições Loyola, na qual Tough Love foi traduzido como Amor-Exigente. Assim como os Doze Passos dos Alcoólicos Anônimos, o Amor-Exigente também traz Doze Princípios. Como Tough Love, o programa teria iniciado em 1970, com o casal Philis e David York, de Doylestown na Pensilvânia, que curiosamente tiveram problemas com seus próprios filhos. Na visão do padre:

Amor-Exigente nada mais é que a volta à velha disciplina e espiritualidade em que os pais comandam. Esse é o tipo de terapia pela qual o comportamento externo deve mudar antes que toda uma atitude interna tome corpo. Amor-Exigente é uma maneira eficiente de unir pais para enfrentar a poderosa solidariedade do grupo de dependentes químicos jovens e rebeldes. Trata-se de prevenção, além de reabilitação<sup>18</sup>.

Outro ponto para o qual o trabalho do padre muito contribuiu, se refere a posição da Igreja Católica perante a questão da dependência química no país. Segundo sua concepção, até 2001, havia no Brasil dois “gigantes adormecidos” no que se refere a atenção com a dependência química, da qual a seu ver, o álcool é sempre a pior dentre todas as drogas. Estes gigantes sonolentos, seriam primeiro o Governo Federal e segundo as Igrejas, inclusive a sua. O “despertar” desta última só viria, segundo ele, a partir de pressões e empurrões tanto das comunidades terapêuticas quanto do movimento Amor-Exigente.

<sup>17</sup> RUI, Taniele. A inconstância do tratamento: No interior de uma comunidade terapêutica. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 3, n. 8, 2010, p. 62.

<sup>18</sup> RAHM, 2011, p. 157

Em 1997, o Movimento Pastoral da Juventude Nacional Católica, teria convocado um encontro com as Comunidades Terapêuticas para discutir a respeito da problemática do uso de álcool e outras drogas. Mais encontros foram acontecendo, até que o bispo Irineu Danelon, que teria participado de alguns encontros, convidou os bispos brasileiros para unirem seus esforços na construção da Pastoral da Sobriedade.

A nova Pastoral, se reuniu para sua Primeira Assembleia Nacional, entre os dias 10 e 13 de junho de 1999, na Fazenda da Esperança, liderada por Frei Hans Stapel na cidade de Guaratinguetá, junto da realização do Terceiro Encontro das Comunidades Terapêuticas. A carta produzida pelo encontro foi publicada num livro intitulado “Pastoral da Sobriedade: pronunciamentos da Igreja”, que compilava textos eclesiais tratando do tema das drogas e a toxicodependência, além de trazer uma justificação e fundamentação teológica para o trabalho da Pastoral da Sobriedade e seus agentes. Interessante neste documento é que ele ressalta o trabalho pioneiro de líderes “carismáticos” suscitados pelo “Espírito” frente ao problema social da toxicodependência, dentre eles padre Haroldo:

tivemos como referência fundamental a experiencia daqueles que chamamos ‘Patriarcas Carismáticos’, Pe. Haroldo J. Rahm, SJ, com as Fazendas do Senhor Jesus, Frei Hans Stapel, OFM, com as Fazendas da Esperança, Ir. Bernardo da Esperança, SE, com as Comunidades Casa Esperança e Vida, Frei Francisco, com as Fazendas São Francisco<sup>19</sup>

A proposta da nova Pastoral foi aceita por unanimidade pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Dom Irineu foi nomeado diretor episcopal nacional e um casal de leigos os diretores nacionais. Padre Haroldo, foi nomeado conselheiro nacional, e junto com outros especialistas no assunto, escreveram o documento base da pastoral, “Vida Sim – Drogas Não”.

Segundo a Folha de São Paulo, a partir de 1999 o padre encabeçou um documento com mais de 200 mil assinaturas pedindo à CNBB que

<sup>19</sup> MOMM, Nilo (Org.) Pastoral da Sobriedade: pronunciamentos da Igreja. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 75.

dedicasse a Campanha da Fraternidade para este tema<sup>20</sup>. Assim, em 2001 este foi o lema da campanha, que ocorre todos os anos desde 1962, durante a Quaresma, e que se tornou ecumênica a partir do ano 2000. Sobre este ponto, padre Haroldo faz o seguinte relato:

“Os esforços ecumênicos de 2000 lançaram uma oportunidade efetiva para nos tornarmos pluralísticos e pneumáticos em 2001. A comunidade judaica, os muçulmanos e os maçons uniram-se a nós. Por meus esforços durante a campanha, fui condecorado pelos Maçons do Brasil com sua homenagem mais alta. Caminhei ao lado de seu Grão-Mestre até o palco embaixo de um triângulo formado por espadas. Imagino ser um dos poucos sacerdotes agraciados com tais honras maçônicas<sup>21</sup>.”

Por ocasião da Campanha de 2001, o então Papa João Paulo II escreveu uma mensagem para ela, na qual, dentre outras coisas ressaltava o trabalho das comunidades no tratamento das pessoas envolvidas com a dependência química:

A verdadeira alternativa às numerosas substâncias nocivas que entorpecem a pessoa humana foi encontrada por muitos no seio de uma comunidade que, para além das soluções técnicas prestadas, ofereceu um itinerário humano e espiritual permitindo sair do abismo da droga e ressurgir de novo para a vida, a fim de que possam oferecer como protagonistas sua contribuição na edificação de uma sociedade livre de todo o tipo de droga<sup>22</sup>.

### **Espiritualidade como cuidado da dependência química**

O termo usualmente referido ao dependente – principalmente no contexto das CTs – é o de adicto. A adicção trata-se de uma doença que

<sup>20</sup> A reportagem, de 28 de fevereiro de 2001, ressaltava ainda que, este seria sem dúvida o mais amplo debate sobre o assunto já realizado no Brasil. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2802200110.htm>> Acessado em 23 de maio de 2019.

<sup>21</sup> RAHM, 2011, p. 162

<sup>22</sup> Papa João Paulo II, Mensagem do Santo Padre para a Campanha da Fraternidade de 2001, p. 2. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/march/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20010312\\_fraternidade.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2001/march/documents/hf_jp-ii_spe_20010312_fraternidade.html)> Acessado em 23 de maio de 2019.

extrapola o uso de drogas. Adicto é aquele que se torna dependente de algo. E, assim se torna justamente por não ter o controle sobre aquilo que o escraviza. Este algo pode ser comida, bebida, fumo, tecnologia, dinheiro, sexo, trabalho, inveja, ódio, orgulho ou poder. A adicção, portanto pode ser material ou moral. Porém, algo que atravessa todas as formas de adicção é o fato de que ela transforma seu portador em um sujeito “estigmatizado”<sup>23</sup>. Nas palavras do padre “um ser humano que carrega em si o condicionamento cultural de seu contexto existencial na forma mais negativa possível”<sup>24</sup>. Dentre os meios utilizados por essa categoria de sujeitos para recuperarem a autonomia retirada pela adicção, encontramos a espiritualidade.

Segundo esta noção, a fé – entendida menos como “uma questão de abstração e muito mais de ação ou práxis”<sup>25</sup> – é capaz de gerar mudanças comportamentais no indivíduo, já que este é composto além do físico e do mental, de uma “dimensão espiritual”.

Desde a criação dos Doze Passos, escrito por Bill Wilson – ex alcóolatra, que fundou o A.A após passar “por uma experiência de conversão do tipo ‘ápice da montanha’, como veio a saber mais tarde pelo livro de William James, *Varieties of Religious Experience* – que deu fim ao vício pelo resto de sua vida”<sup>26</sup>, o elemento do “culto interior”, a experiência subjetiva com o sagrado é apontado como paradigmático ao cuidado da dependência química.

Assim, o trabalho espiritual é tido como peça fundamental na estrutura da comunidade terapêutica. A “inclusão de valores superiores e transcendentais” é elemento chave segundo padre Haroldo para que o residente possa viver bem dentro da comunidade. Seu programa consiste num tripé de autoconscientização, espiritualidade e laborterapia. Na concepção de padre Haroldo:

<sup>23</sup> GOFFMAN, 1979.

<sup>24</sup> RAHM, Haroldo J; TURRI, Carolina. *Comunidades terapêuticas: Etapas do tratamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2018, p. 35.

<sup>25</sup> RAHM; TURRI, 2018, p. 39.

<sup>26</sup> MELTON, J. Gordon. *Programas de Doze Passos e a Nova Era*. São Paulo: Editora MAKRON Books, 1999, p. 250.



a espiritualidade é o Espírito Divino trabalhando conosco. Qualquer coisa boa em nossa vida é uma inspiração direta da Divina Majestade, de Deus. Nós temos nosso espírito que é o centro de nosso ser, e espiritualidade é unir nosso espírito ao Espírito Divino e Infinito (...) Espiritualidade, para mim, está explicitamente contida nos Doze Passos de Alcoólicos Anônimos e, se vou a um grupo de AA estou vivenciando a espiritualidade. Os Doze Princípios de Amor-Exigente, por sua vez, são praticados por pessoas espirituais, de várias religiões<sup>27</sup>.

Neste quesito há uma certa transversalidade entre práticas pentecostais, carismáticas, psicanalíticas, formada pelo entrelaçamento de diferentes linhas religiosas, espirituais e terapêuticas. Notável o diálogo ecumênico e plural entre evangélicos, católicos, terapeutas integrativos, psicólogos, que misturam seus métodos para um processo de cuidado particular às mazelas da dependência química. As trocas são comuns e difundidas. A trajetória de padre Haroldo é testemunha atuante desse processo. Visamos ressaltar a linha da espiritualidade presente no modelo de tratamento.

Outros trabalhos já falaram a respeito da força que tem a religião no procedimento de substituição do consumo de drogas. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)<sup>28</sup>, mais de 80% das CTs brasileiras seguem alguma orientação religiosa (evangélica, católica, espírita e *ayahuasqueira*) e cerca de 95% delas desenvolvem atividades de espiritualidade de maneira terapêutica. Diferentes pesquisas, boa parte etnográficas, descreveram atividades desenvolvidas neste sentido, através de “grupos de sentimentos, grupos de louvor e os grupos de apoio mútuo que funcionam à maneira de sessões de terapia em grupo”<sup>29</sup>, por exemplo. Também por meio de “pregações, palestras ou ainda, de estudos bíblicos”<sup>30</sup>. Segundo as autoras Luciana Barcellos

<sup>27</sup> Padre Haroldo; CERCHIARO, 2015, p. 145-146

<sup>28</sup> IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Perfil das comunidades terapêuticas brasileiras. Brasília: Ipea, 2017. (Nota Técnica, n. 21).

<sup>29</sup> TARGINO, Janine. COMUNIDADES TERAPÊUTICAS RELIGIOSAS: estudo de caso sobre uma comunidade pentecostal e uma comunidade católica carismática. Revista Café com Sociologia, v. 6, n. 2, 2017, p. 321.

<sup>30</sup> LOECK, Jardel Fischer. *Comunidades terapêuticas e a transformação moral dos indivíduos*: entre o religioso-espiritual e o técnico-científico. COMUNIDADES TERAPÊUTICAS, 2018, p. 82.

Fossi e Neuza Maria de Fátima Guareschi, estas práticas configurariam o caráter confessional de algumas CTs, que invocando tais procedimentos impõem como causa da adicção a responsabilidade individual do adicto<sup>31</sup>

Nessa direção, os tratamentos oferecidos pelas CTs conformariam uma espécie de base para transformações morais-subjetivas, ou em outras palavras, para conversões, que como ressalta Jardel Fischer Loeck, não necessariamente significam formas exclusivas de conversão religiosa. Além de formas religiosas, este autor admite a possibilidade de conversões ao discurso técnico-científico médico, que enxerga a dependência química como doença crônica. Na prática cotidiana das CTs, ambas as formas – ou tipo ideais de discursos (religiosos-espirituais e técnico-científicos) – podem coexistir na vida dos internos. O tratamento espiritual pode substituir ou incrementar “outras formas de cuidado, como a medicamentosa”<sup>32</sup>

A dinâmica interna da comunidade gerada por padre Haroldo também segue tais tendências no que tange o lugar da espiritualidade. Porém, longe de pesar exclusivamente em formas de religiosidade evangélica pentecostal – baseadas na efusão e dons do Espírito Santo<sup>33</sup> –, a noção de espiritualidade que orienta o pensamento do IPH é mais ampla, e busca não necessariamente se associar a religião, considerando inclusive a possibilidade de uma “espiritualidade sem Deus”.<sup>34</sup>

De tal forma, a gestão desta espiritualidade, que no cuidado da dependência química previne e recupera o indivíduo da adicção, se dá individualmente de maneira plural, a partir de uma “perspectiva cultural” que extrapola uma religião determinada, já que segundo padre Haroldo, fato é que:

<sup>31</sup> BARCELLOS FOSSI, Luciana; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. O modelo de tratamento das comunidades terapêuticas: práticas confessionais na conformação dos sujeitos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 15, n. 1, 2015, p. 104.

<sup>32</sup> RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages; MINAYO, Maria Cecília de Souza. As Comunidades Terapêuticas religiosas na recuperação de dependentes de drogas: o caso de Mangueiras, RJ, Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, p. 515-526, 2015.

<sup>33</sup> CARRANZA, Brenda. Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências. Editora Santuário, 2000.

<sup>34</sup> RAHM, Haroldo J; TURRI, Carolina. *Comunidades terapêuticas: Etapas do tratamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

o cristão, que lê um texto bíblico diariamente e frequenta o culto ou a missa, recupera-se. O muçulmano, que louva a deus e frequenta o templo, está curado. O hindu, que pratica os sutras e frequenta o templo, está curado. O budista alcança a sobriedade eliminando os desejos e distrações terrenas<sup>35</sup>.

O que se sobressai é o engajamento particular do fiel, religioso com sua religião ou crenças, o que em alguns casos pode ser visto na forma religiosa de “rejeição do mundo mística”, nos termos de Max Weber, implicada por um não agir, no tornar-se “receptáculo do divino”<sup>36</sup>. Ou melhor, enquanto tipo ideal de salvação, realização da destinação divina do eu (“self”), dizendo respeito ao caráter individual e a natureza mais secreta do ser.

Além dos meios religiosos ocidentais tradicionais, a espiritualidade pode ser gestada visando a sobriedade através da prática de yoga. Considerada como uma ciência e uma filosofia de vida, seu trabalho seria coordenar corpo, mente e espírito, através dos *asanas*, posturas corporais que visam fortalecer o corpo e aquietar a mente, dos *pranayamas*, técnicas de respiração e do relaxamento neuromuscular auxiliado por visualizações que direcionam o pensamento à cura. Configurando assim mais uma forma pela qual a espiritualidade pode ser administrada. Segundo suas palavras:

Na comunidade terapêutica, a ioga e a meditação são praticadas em conjunto. O corpo é conduzido novamente à vida pelo amor. O dependente químico, quando entende a importância de seu corpo, aprende amá-lo e reconhece nele a criação de Deus. O corpo é o ‘Templo de Deus’<sup>37</sup>

A observação participante realizada dentro do Instituto Padre Haroldo (IPH), antiga APOT (Associação Promocional Oração e Trabalho) – durante a pesquisa que culminou na monografia “Catolicismo, jesuitismo

<sup>35</sup> RAHM; TURRI, 2018, p. 40

<sup>36</sup> WEBER, Max. Ética econômica das religiões mundiais: Ensaio comparado de sociologia da religião. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

<sup>37</sup> RAHM; TURRI, 2018, p. 51.

e yoga cristã através da trajetória de padre Haroldo Rahm, SJ<sup>38</sup> – revelou como essa prática era associada a rotina dos internos. Durante cerca de cinquenta anos, padre Haroldo cultivou uma prática diária de yoga, boa parte dela realizada as cinco da manhã em seu Instituto e aberta aos internos em tratamento. Além dele, outros instrutores de yoga conduzem práticas semanais na comunidade. É notável o engajamento dos internos, e alguns, ao terminarem o tratamento continuam essa prática.

### Considerações finais

Tomando a trajetória de vida do padre jesuíta Haroldo J. Rahm, que naturalmente se estende “ao longo não de uma, mas de múltiplas linhas, enredadas no centro, mas deixando para trás inúmeras ‘pontas soltas’ nas periferias”<sup>39</sup>, nos informamos sobre diferentes movimentos se desenrolando em contraponto na paisagem sociocultural. As considerações deste artigo pontuam as linhas que se desenrolam ao longo do cuidado a dependência química. Nesse emaranhado emerge um “pensamento institucional” moldado no casamento mútuo de elementos provenientes de “sistemas” distintos, que em suas origens, por vezes ligam-se numa relação de hereditariedade. São eles: os “Doze Passos”, os princípios do AA, o Movimento das CTs (Comunidades Terapêuticas – Synanom, Daytop), o Amor Exigente, os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, etc. Vemos prevalecer uma concepção de cura e tratamento que prioriza a autonomia do dependente, que deve por si mesmo buscar sua “cura”, a “libertação das drogas”. Nos princípios dos Doze Passos o valor da cura não é alcançado a partir de algo externo ao indivíduo, por isso o tratamento medicamentoso não é enaltecido dentro das comunidades terapêuticas que seguem estes princípios (como a APOT do padre e Daytop Village do monsenhor O’Brien).

Neste quesito o “despertar espiritual” e o subsequente cultivo desta espiritualidade – presente nos Doze Passos: “2º Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos a sanidade”, “3º Decidimos

<sup>38</sup> DANTAS, Renan B. *Catolicismo, jesuitismo e yoga cristã através da trajetória de padre Haroldo J. Rahm, SJ*. Monografia em ciências sociais/IFCH. Campinas, 2018.

<sup>39</sup> INGOLD, 2012, p. 41

entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos”<sup>40</sup> – é fundamental. Entendemos que neste sentido, conflui toda a influência de experiências de tipo pentecostal/carismática, subjetiva, mística, que visam um envolvimento direto e particular do indivíduo com o objeto, ou o “ser” de sua fé atravessando e conectando ações pastorais evangelizadoras e o trabalho de prevenção e recuperação da dependência química. Vide a semelhança do trabalho feito pelo padre Haroldo e outros líderes religiosos (católicos, evangélicos e espiritas) com o contexto pentecostal/carismático norte-americano dos anos 60 e 70, que vemos por exemplo no best-seller evangélico a “Cruz e o Punhal” do pastor norte-americano David Wilkerson, que desenvolveu um programa para tratar e pregar o evangelho à jovens envolvidos com a criminalidade e uso de drogas.

Tais apontamentos seguem ainda um rumo que tem cada vez mais se consolidado no meio religioso contemporâneo, no que se refere ao surgimento de “novas comunidades” (católicas, espirituais, terapêuticas) e o papel central que a mística, a espiritualidade e o engajamento do corpo adquirem dentro destes grupos.

### Referências

- BARCELLOS FOSSI, Luciana; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. O modelo de tratamento das comunidades terapêuticas: práticas confessionais na conformação dos sujeitos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 15, n. 1, 2015.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Editora Santuário, 2000.
- CERCHIARO, Romina M. *Uma só palavra – O legado de Padre Haroldo para o tratamento da dependência química*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- DANTAS, Renan B. *Catolicismo, jesuitismo e yoga cristã através da trajetória de padre Haroldo J. Rahm, SJ*. Monografia em ciências sociais/IFCH. Campinas, 2018.

<sup>40</sup> Interessante pontuar que dentre os 12 passos, 7 explicitamente trazem o nome de “Deus”.

- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1979.
- INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Horizontes antropológicos, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Perfil das comunidades terapêuticas brasileiras. Brasília: Ipea, 2017. (Nota Técnica, n. 21).
- LOECK, Jardel Fischer. *Comunidades terapêuticas e a transformação moral dos indivíduos: entre o religioso-espiritual e o técnico-científico*. COMUNIDADES TERAPÊUTICAS, 2018.
- KOFES, Suely. *Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites*. Cadernos Pagu, 2007.
- MOMM, Nilo (Org.) *Pastoral da Sobriedade: pronunciamentos da Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 75.
- MELTON, J. Gordon. *Programas de Doze Passos e a Nova Era*. São Paulo: Editora MAKRON Books, 1999.
- RAHM, Haroldo J. *Cristo não aceitou tóxicos*. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- RAHM, Haroldo J. Rahm. *Yoga Cristã e Espiritualidade de Santo Inácio de Loyola*. Edições Loyola, 2007.
- RAHM, Haroldo J. *Esse Terrível Jesuíta!*. São Paulo: Loyola; 2011.
- RAHM, Haroldo J; TURRI, Carolina. *Comunidades terapêuticas: Etapas do tratamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2018.
- RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages; MINAYO, Maria Cecília de Souza. As Comunidades Terapêuticas religiosas na recuperação de dependentes de drogas: o caso de Manguinhos, RJ, Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, p. 515-526, 2015.
- RUI, Taniele. *A inconstância do tratamento: No interior de uma comunidade terapêutica*. Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 3, n. 8, p. 45-73, 2010.
- SANTOS, Maria Paula Gomes dos. *Comunidades terapêuticas: unidades de privação de liberdade?*. 2016.
- TARGINO, Janine. *Comunidades Terapêuticas Religiosas: estudo de caso sobre uma comunidade pentecostal e uma comunidade católica carismática*. Revista Café com Sociologia, v. 6, n. 2, p. 314-334, 2017.

---

TINOCO, Rui. *Comunidades terapêuticas livres de drogas – da intervenção ideológica à intervenção psicoterapêutica*. *Toxicodependências*, v. 12, p. 21-30, 2006.

WEBER, MAX. *Ética econômica das religiões mundiais: Ensaio comparado de sociologia da religião*. Petrópolis: Vozes, 2016.

Submetido em: 25/03/2019

Aceito em: 28/05/2019